

Prefeitura Municipal de Juiz de Fora

Secretaria Municipal de Cultura

QUATRO TEXTOS ESCOLHIDOS

BRENNO ARNO SCHUMANN

Juiz de Fora

Cadernos de Divulgação Cultural



QUATRO TEXTOS ESCOLHIDOS

BRENNO ARNO SCHUMANN

Juiz de Fora

CADERNOS DE DIVULGAÇÃO CULTURAL

- ÓRGÃO DA SECRETARIA MUNICIPAL DE CULTURA
- número 2, ano 1, abril de 1974
- GOVERNO ITAMAR FRANCO

MEMORANDO DO PREFEITO

Março, 1974

Meu caro Secretário:

Gostaria que, para o segundo número dos Cadernos de Divulgação Cultural, fossem selecionados textos do pastor Brenno Schumann.

Minha sugestão tem razões objetivas: de um lado, trata-se de evocar a obra de um homem que tanto contribuiu para com a nossa comunidade; doutro, trata-se de homenagear a colônia alemã de Juiz de Fora, cuja história é inseparável do trabalho e da influência germânicos.

Creio que esta minha sugestão enquadra-se plenamente no espírito dos Cadernos, que pretendem ser o testemunho da elaboração cultural da nossa comunidade.

Itamar Franco,

prefeito municipal

MEMORANDUM DES PRÄFECTEN

Juiz de Fora, März 1974

Sehr geehrter Herr Sekretär:

Mit der zweiten Nummer der Kulturhefte, möchte ich Texte Brenno Schumanns veröffentlichen.

Mein Vorschlag hat folgende Gründe: Auf der einen Seite handelt es sich darum, der Werke eines Mannes zu gedenken, der so viel zu unserer Gemeinde beitrug: auf der andern handelt es sich um die Ehrung der deutschen Kolonie in Juiz de Fora, deren Geschichte unzertrennlich mit deutschen Einfluss verknüpft ist.

Ich glaube, dass dieser Vorschlag sich vollständig in den Geist der Kulturhefte einfügt, die ein Zeugnis der kulturellen Arbeit unserer Gemeinde sein wollen.

Itamar Franco,

Stadtpräfekt

ROTEIRO:

- PREFÁCIO - José Paulo Netto
- A MORTE E A GRAÇA EM GEORGES BERNANOS
- UM CREDO PARA A NOSSA ÉPOCA: EXISTE ISSO ?
- TESTEMUNHAS
- A FARÁBOLA DO RICCO E DO LÁZARO
- EXPEDIENTE

Brenno - o santo que era um gênio

José Paulo Netto

Curso superior de Teologia. Pós-graduações em Genebra e em ^{Goettingen} ~~Gottinga~~. Colaborador da enciclopédia Delta-Larousse. Poliglota. Tradutor. Conselheiro da Editora Vozes.. Autor de ensaios publicados no país e no exterior. Secretário do Centro Ecumênico do Rio de Janeiro. Professor de História das Religiões na Universidade Federal de Juiz de Fora. Conferencista. Um dos líderes do Colégio Magister. Fundador do Centro Ecumênico de Informações. Membro do Conselho Municipal de Educação da Prefeitura Municipal de Juiz de Fora. Membro do conselho de redação da Revista Paz e Terra.

Difícil, quase impossível, perceber o portador de tão significativo currículo naquele porto-alegrense de aparência franzina, agitado, dono de uma risada gutural e característica. Em mangas de camisa, agarrado ao volante do Vemag creme-e-preto caindo aos pedaços, ele estava às três da manhã levando remédios à Vila São Vicente de Paulo. Ou limpando uma ferida pustulenta numa perna qualquer, em São Pedro. Ou, sob uma chuva torrencial, providenciando óculos para um velho em Mariano Procópio.

Mas esta era a sua vida. Da cátedra universitária ao gracejo para a visita apavorada diante do seu cão negro que só entendia alemão, da exegese bíblica à tomada de posição política, do púlpito do seu templo às colunas do Jornal Sete — não mediava nenhuma distância. Homem plural, ele viveu unitariamente. E viveu a ação. Autêntico filho de Goethe, o Verbo era, para ele, Atividade; num sermão sobre a Ressurreição; esclareceu: "... a vida cristã — e isto significa: toda a ação cristã".

A peculiaridade de sua pregação residia na incrível capacidade que tinha, a capacidade de expressar sensivelmente — usando,

por vezes, de uma linguagem chã -- as mais abstratas proposições. Trocava em miúdos, e na ótica de uma ortodoxia cristã avessa a qualquer dogmatismo, a tese que Lukács formulara na teoria da reificação: "...o maior inimigo do homem, qual é? São as coisas permanentes, imutáveis, irreversíveis. Quando alguma coisa se torna perpetua, ela passa a possuir-nos. Somos prisioneiros dela, em vez de ser gente livre. No entanto, nada é perpétuo, nada é irreversível, nada é permanente ou imutável" (sermão de 1/XI/70).

Humanista na mais alta acepção do termo, o seu Cristo não era um símbolo -- era um exemplo existencial, uma atitude criadora: "Jesus nos convida a uma coisa diferente: a não aceitarmos as circunstâncias, as situações, assim como se apresentam. Jesus nos convida a lutar por todas as modificações necessárias" (sermão de 18/VII/71).

Sua concepção de fé nada tinha da olímpica neutralidade do comodismo. Fé, para ele, era "viver sem acomodação. Viver sem segurança" (sermão de 26/III/72).

Capaz de uma concepção dialética da história, ele atingiu o messianismo anti-utópico a que Brecht (n' O Elogio da Dialética) deu forma conclusiva, mas sempre na escatologia da esperança: " Presença de Jesus é a presença do Reino de Deus. E a atividade dos cristãos, no mundo, é uma atividade típica do Reino de Deus. E é por isso -- só por isso! -- que o mundo não pode continuar a ser o vale de lágrimas, o mar de sangue, o poço de injustiças que é! E o mundo certamente não continuará a ser só isso " (sermão de 18/VII/71).

Os quatro textos publicados em boa hora neste Caderno fornecem, ainda que sob forma fragmentária, uma justa imagem dele, com sua multiplicidade de interesses, conectados somente pela profunda humanidade de sua pedagogia religiosa.

O primeiro deles é uma antiga conferência, pronunciada quando tinha pouco mais de vinte anos (a publicação original foi fei-

ta no órgão da Faculdade de Teologia de São Leopoldo, a revista Estudos Teológicos, ano 1, IV trimestre, 1961, pp. 69/76). O estilo ainda é vacilante, mas a concepção total denuncia o teólogo que, sem submeter a arte a teologia, perscruta na manifestação estética de Bernanos as pulsações de uma consciência cristã atormentada.

O artigo sobre o Credo hoje, também redigido na maturidade (e publicado no Suplemento CEI, Nº 1, agosto/1972), retoma uma de suas grandes preocupações teóricas: como deve se instaurar a linguagem cristã no mundo contemporâneo? Anotando exemplos de várias fontes, comentando-os argutamente, ele conclui de modo efetivamente problematizante.

O terceiro texto, o Sermão das Testemunhas, foi preparado cerca de um ano antes do desfecho fatal, e pronunciado em 26 de março de 1972 (a primeira publicação é do Suplemento CEI, Nº 4, julho/1973). É peça que resume todo o seu pensamento maduro e encerra seu personalíssimo tom profético. Na sua dureza crítica, o sermão — um dos mais belos de que tenho notícia — abriga a marca daquela ira sagrada que animou o Cristo a expulsar os vendilhões do templo.

O último texto — copilado dos documentos Parábolas de Jesus, série Bíblia Hoje - II — já o retrata pensador maduro. Apoiado na singela narração de Lucas, ele desenvolve uma reflexão intensiva que, espantosamente, articula-se no sentido da hegeliana passagem do senhor e do escravo. Na trilha da Fenomenologia do Espírito, ele resolve a aparente contradição pela vivência do pobre, assim como Hegel atribui o predicado da consciência ao escravo. Uma notável exegese, disfarçada na simplicidade de que ele era modelo.

Morto aos trinta e quatro anos, na fatídica tarde de 11 de março de 1973, ele está mais vivo do que nunca. E dele só sei dizer, como o poeta, que, "legatário de sua vida, eu recuso a sua morte".

Escrevendo sobre Antero, Eça disse ser o amigo um gênio que era quase um santo. Impossível evitar a paráfrase quando recordo Brenno Arno Schumann.

Precisamente porque só entendo a santidade ao nível da pura humanidade, compreendendo a transcendência como desdobramento trágico e histórico da nossa imanência, precisamente por isso - corrido um ano após a morte de Brenno e sua terna Mariane, companheira de vida e de fim - não me é permitido separar, naquele amigo pequeno e agitado, a santidade da genialidade.

A MORTE E A GRAÇA EM GEORGES BERNANOS

Diversos motivos podem levar uma pessoa ou grupo de pessoas a deixar sua pátria e vir para o Brasil. Para uns, trata-se de uma aventura turística; basta lembrar Roosevelt que retornou com um novo tape-te de onça. Para outros, é uma questão de negócios, e seria bom lembrar um dos primeiros trustes de nossa História, ou seja, o do pau-brasil. Há ainda os que vêm catequizar índios; na pior das hipóteses, encontram sepultura pouco digna no estômago dos silvícolas.

Georges Bernanos veio para o Brasil, a fim de "cozer a resaca". Escandalizado com certas medidas políticas, deixou a Europa em 1938, só retornando no fim da II Guerra Mundial. Apesar de ter escolhido o pacato interior mineiro, não conseguiu aposentar sua apaixonada indignação pelo que se desenrolava no Velho Continente. E foi do Brasil que expediu alguns de seus escritos polêmicos mais violentos. Deixou aqui grandes admiradores, como Amoroso Lima, Jorge de Lima e Gustavo Corção, nomes que, por certo, dispensam apresentação. Nunca escreveu uma linha sobre as belezas naturais do Rio de Janeiro, mas considerou o Brasil a sua segunda Pátria.

É necessário acrescentar que a vida e a obra de Georges Bernanos só podem ser estudadas, consideradas e apreciadas, tendo-se em mente sua nacionalidade e filiação eclesiástica. Bernanos foi francês e católico romano. Essa constatação talvez pareça meramente biográfica. Será, contudo, necessário acentuar que em Bernanos a cidadania e a fé se constituem em vivência apaixonada e sofrida. Seu amor a França e a Igreja Católica Romana é másculo, combativo, entranhado. E ainda aqui é preciso deixar bem claro que essa dedicação não tem por objeto uma grandeza abstrata, pelo menos no que se refere à pátria. Ao pensar na França, Bernanos focaliza imediatamente os franceses, não como expectador, mas como um deles, o que, aliás, está claramente expresso no título de uma de suas obras: "Nous autres Français". Por outro lado,

sempre que ele fala acerca da Igreja; recusa-se a aceitar a idéia de uma "societas perfecta" tão somente. Em "Les Grands Cimetières sous la Lune" ele define a Igreja, como sendo "uma casa de família, um lar paterno, e nessas casas há sempre desordem, falta seguido um pé nas cadeiras, as mesas estão cheias de manchas de tinta, e as latas de marmelada esvaziam-se como por encanto nos armários". Sua crítica à Igreja não se dirige tanto contra a instituição ou a doutrina, como tais, mas contra o que ele chama de "desordem no lar".

Desordem na Igreja ou no Estado - em ambos os casos há seres humanos envolvidos. E pode-se dizer que a preocupação última de Bernanos é o homem, mas nunca o homem-máquina ou o titã ou qualquer ser supranatural, e, sim, o homem que deve ser livre. O homem deve ser livre e por isso Bernanos ataca violentamente tudo o que possa impedir essa liberdade. Ele destrói, é verdade, mas não deixa apenas ruínas empós de si. Existe um critério para o gênero humano e esse é constituído pelo cristão. O cristão é o homem livre. Que significa isso? Encontramos uma boa resposta no citado "Nous autres Français": "Não existe honra em ser cristão. Nós não escolhemos. 'Eu sou um cristão, honrem-me!' berram à porfia os sumo-sacerdotes, escribas e fariseus. Seria melhor dizer: 'Eu sou um cristão, rezem por mim'. Nós não escolhemos. Estamos nesta grande aventura, porque Deus nos colocou nela". Poderíamos completar tal citação, com uma confissão do próprio Bernanos em "La Liberté pour quoi faire?": "Não sou um convertido e quase me envergonho de confessá-lo, pois há vinte anos os convertidos estão em moda, talvez porque falem muito, muito mesmo, sobre sua conversão, ... e porque os clérigos gostam muito dessa classe de pessoas".

Depois de tudo o que foi dito, pode parecer estranho aos leitores de Bernanos, que seus livros apresentem uma série longa e constante de mortes pavorosas, agonias desesperadoras, assassínios e suicídios. Assim como sua crítica à Igreja deu margem à suspeita de ser ele um cripto-protestante, seus romances podem dar, por vezes, a impressão de niilismo. Tudo isso não procede. Este trabalho é justamente uma tentativa de interpretar o tema da morte na obra de Georges

Bernanos. Sendo esse tema uma constante nos diversos livros do escritor, torna-se supérfluo acrescentar que nossa tentativa de interpretação não esgota o assunto

§

Bernanos tem, por assim dizer, sua primeira experiência com a morte, por ocasião de sua primeira comunhão. Relebrando em carta o que sentira aos sete anos de idade, observa que "não se deveria ter em mira a realização de uma vida bela e feliz, mas, sim, a morte, o fim de tudo". O fator medo passa a ter influência em sua vida: "Tenho medo da morte e infelizmente (talvez o meu anjo da guarda diga: felizmente) penso constantemente nela. A menor indisposição parece ser o prelúdio da enfermidade derradeira, a qual tanto temo". O problema a gora passa a ser seguinte: Como livrar-se desse medo. Bernanos julga encontrar uma solução, resolvendo viver e morrer totalmente para Deus: "Assim não preciso mais temer essa horrenda morte". Contudo, em uma carta escrita dois meses depois, encontramos estas palavras: "Tenho um tal medo da morte e dessa decomposição inevitável, que os cabelos se me eriçam". O aparente paradoxo não nos deve deixar vacilantes. Pode-se realmente constatar uma evolução: o medo da morte passa a ceder o seu lugar frente a uma atitude quase estóica de superioridade ante a morte. A decisão de entregar-se a Deus é motivada apenas pelo desejo de superar o pânico. A vida, por assim dizer, passa a nutrir-se da força da morte. E a consequência é que a morte se torna uma coisa simples e, ao mesmo tempo, heróica. Existe uma expressão francesa que exerceu considerável influência sobre o pensamento bernanosiano: "il se voit mourir", isto é, "ele se vê morrer", mais precisamente - ele morre consciente disso. Exemplifiquemos. A primeira novela de Bernanos, intitulada "Madame Dargent", começa com a frase: Ela não entende; ela não se verá morrer". E o interessante é que toda a narração desmente o início, pois a morte de Madame Dargent será o momento de seu mais completo auto-reconhecimento, conforme se depreende dos seguintes trechos: "Tento iludir-me, sonhar que adormeço, que esqueço, que escapo... É inútil! Meu raciocínio nunca esteve tão lúcido, nunca tão aguçada a minha memória, maravilhosamente ativa...".

E mais adiante: "Aqui, por sinal, ... deve ser um lago... espera, preciso debruçar-me... Eu me vi, na água... Achaste que eu estivesse morta? Eu estava refletindo". O original "je réfléchissais" tem o mesmo significado duplo: espelhar ou meditar. A moribunda, portanto, medita acerca de seu passado, ao mesmo tempo que vê espelharemse as imagens desse passado. Ela se vê no espelho da morte.

Tanto a fase da morte heróica como a da morte espelhada, contudo, são superadas pelo escritor. Uma nova linha passa a ser desenvolvida. A morte humana, dentro dessa nova concepção, só pode ser entendida em função da morte de Cristo. Em última análise, a morte de cada homem é uma morte estranha, porque Cristo morreu nossa própria morte em nosso lugar. Nossa agonia passa a ser participação das trevas da cruz, embora esse fato permaneça despercebido por nós, quando moribundos. As palavras da priora agonizante, em "Dialogues des Carmélites", exprimem algo disso: "Ver-se morrer é uma expressão do povo... Pois bem, Madre, a verdade é que me vejo morrer. E nada me distrai dessa visão... Estou sozinha, Madre, inteiramente só e sem consolo... Meu espírito continua a formar idéias reconfortantes, mas são fantasmas de idéias. Não me reconfortam, como não mata a fome a sombra de um pão... Até mesmo Deus se tornou uma sombra... Meditei sobre a morte todas as horas da minha existência e tudo isso não me serve de nada...". Como vemos, a morte espelhada transparece nas palavras da priora, mas em primeiro plano está a absoluta impotência da agonia que Bernanos faz participar da agonia de Cristo na cruz.

O primeiro romance de Bernanos, "Sous le Soleil de Satan", descreve a agonia do Cristo crucificado como algo quase insuportável: "Em certas horas, a simples contemplação é uma provação tão severa a ponto de se desejar que Deus despedace o espelho... É duro ficar parado ao pé da cruz, mais duro ainda, contemplá-la sem desviar o olhar." O desejo do escritor, no sentido de que a cruz seja torna da presente, é tão intenso, que ele inclusive ousa fazer uma identificação. "Através de nós, o mesmo ódio procura alcançá-Lo, há milênios,

na pobre carne humana consuma-se o horripilante assassínio...

O tema da morte em meio de trevas pode ser encontrado em todos os romances de Bernanos. Há que examinar agora as diversas variações, nas diferentes obras. No romance citado acima, temos a morte amarga de Donissans, depois de uma vida atormentada. Mesmo assim, essa morte é considerada como a mais elevada arte do homem. Contudo, esse pensamento de uma ars moriendi parece não satisfazer totalmente o escritor. Já em sua primeira novela encontram-se as palavras: "Não posso morrer... é muito pior do que eu julgava". Também em "L'Imposture", a morte do abade Chevance é descrita como baixa, covarde, causadora de escândalo, mas simultaneamente humilde. Mesmo os que se reconciliaram com Deus, morrem de uma maneira que se poderia classificar de desprezível. A morte está sempre cercada de medo e solidão, vergonha e impotência, escândalo e desespero. Mas é justamente em meio a tudo isso que a agonia se transforma em um ato de amor; É ato de amor, por estar em conformidade com a agonia de Cristo.

Tudo o que foi constatado até aqui nos leva à conclusão de que, em Bernanos, a agonia é critério da vida. Ela é o que dá substância ao ato de viver. Por isso mesmo o medo da morte, o medo na agonia, estão intimamente ligados a uma afirmação da vida, a uma alegria de viver. No seu último romance, intitulado "Monsieur Qui-ne", o escritor traça inclusive um paralelo entre berço e túmulo, assim que "a doce infância assoma por primeiro das profundezas de cada agonia". Por isso, "os últimos passos obedientes de um condenado à morte" são idênticos "aos primeiros passos na vida", ou seja, uma unidade de espanto e medo. Eis porque o sentimento de medo da morte o avassala por ocasião da primeira comunhão. Bernanos nunca esqueceu aquela ocasião, a ponto de poder ser constatado um reflexo indiscutível daquele acontecimento na mensagem contida em sua obra. Fé e medo estão incrivelmente próximos, em Bernanos. Em "Chemin de la Croix des Ames", obra escrita no Brasil, ele exclama pateticamente: "Como se a fé fosse uma fonte inesgotável de consolo, que

nos tornasse insensíveis aos baques desta vida... ela é antes uma coroa de espinhos, que nos torna participantes da santíssima agonia — e isso, seguidamente contra a nossa vontade!" A fé é, portanto, agonia à mesma, luta, fome e sede, vazio que clama pela plenitude de Deus. Como foi dito na introdução, Bernanos não se considerava um convertido. Essa é a única razão, pela qual a fé se torna, para ele, a busca agoniada e desesperada em meio da ausência de Deus. Se Bernanos fosse um convertido, ele procuraria construir algo, usando o que finalmente possui. Seu reconhecimento, porém, é outro e muito mais autêntico. Ele sabe que suas posses não passam de ruínas e que não se trata de construir, mas sim de criar. E a palavra criadora pertence a um outro. Fé, para Bernanos, é nudez perante Deus, o desejo de ser conduzido até o ponto, onde nada mais temos para oferecer.

O tema da participação de nossa agonia na de Cristo encontra um aproveitamento todo especial no romance "La Joie". Chantal vive a experiência de ultrapassar a fronteira entre vida e morte. Essa experiência não é outra coisa do que o medo. Mas Chantal sabe que sua passividade tem um sentido, qual seja, o de ser aceita e transferida para uma agonia mais válida porque mais autêntica, a de Deus. O medo da menina ultrapassou a linha limítrofe entre o medo do ser humano pecador e o de Deus na cruz. Chantal vive e contempla o seu próprio medo do ponto de vista do medo divino. É evidente que Bernanos não foi muito feliz em suas considerações, principalmente neste último ponto. Acreditamos que a tendência de não ultrapassar os limites da dor e da agonia terrenas, tendência essa que transparece claramente no "Journal d'un Curé de Campagne", apresenta menores perigos de interpretação. Contudo, em ambos os romances existe uma preocupação autêntica de tornar bem claro o sentido e o critério do medo autenticamente cristão. Bernanos julga encontrá-lo no conceito da representação, isto é, o sofrimento vicário e, por extensão, o medo e a agonia vicária. De um padre é dito que "ele presenteava a mancheias a paz que não o preenchia". E algo bem semelhante é afirmado acerca de outro: "Visivelmente corroído pelo medo, ele permanece o doador de tran-

qüilidade, certeza, paz".

Depois de tudo o que foi dito, resta-nos penetrar na problemática do único drama de Bernanos: "Dialogues des Carmélites". O medo de Blanche só tem uma possibilidade e um fundamento no medo da morte, experimentado por Cristo. Toda a sequência de pensamentos é bastante complicada, devendo ser seguida cuidadosamente. O medo, em Blanche, está, por assim dizer, traumatizado no âmago de seu ser. Ela mesma diz: "O medo talvez seja uma doença". Blanche não se pode proteger contra o medo. Ela foge em busca de abrigo e proteção; mas descobre, sempre de novo, que está desabrigada e desprotegida. Ela tem a vocação e decide-se pelo Carmelo, mas a maneira, pela qual segue ao chamado, só pode ser fuga. Blanche não despreza o mundo, mas não tem capacidade para viver e ajustar-se nele. E o que ela, em última análise, deseja, é encontrar segurança e paz, no convento. Sua convicção é a de que lá nada a pode atingir. No entanto, as circunstâncias desencadeiam todo um vendaval em torno de Blanche. Um irmão lhe diz que ela deve ter a ousadia do medo, assim como a da morte, pois a verdadeira coragem reside justamente nessa ousadia. A morte da priora, na qual ela julgara encontrar um arrimo, a fuga do sacerdote, a impossibilidade de ela fazer seu juramento, tudo, enfim, parece voltar-se contra Blanche e sua permanência no Carmelo. Nunca fora de fato recebida na comunidade da ordem, permanecera sempre uma estranha. Mas justamente por isso seu lugar é no Carmelo, na sua solidão e participação da paixão do Senhor. O que não impede que por fim, ela fuja. E uma de suas frases serve para descrever toda a sua situação: "Fui concebida no medo, todos desprezam o medo, é justo que eu também viva na vergonha". O fato de ela vir a ser "a última no cadafalso" é um milagre que só tem explicação no conceito da representação, do sacrifício vicário. Mas justamente dessa maneira atenciona Bernanos esclarecer o que seja seguir a Cristo. Não por própria força ou coragem, qualidades inexistentes em Blanche, mas sim ser tomado contra a própria vontade.

Não é realmente possível interpretar toda essa peça teatral, todo o destino de Blanche, de outra perspectiva que não a da cruz. Seu medo vergonhoso, que a leva a quebrar a estátua do Menino Jesus — distanciando-a, com isso, da cruz — é a arma de Deus, Contra quem? Contra o mal. Bernanos não pensa em termos de dualismo, pelo menos aqui. É justamente expresso que o entusiasmo do mal não deve ser enfrentado por um entusiasmo do bem, "pois o poder do mal é só aparente e ilusório". A "misère" do pecado não pode ser remediada por boas obras ou pelo martírio, mas somente pela humilhação de tudo aquilo que pudesse ter a aparência de força terrena, no Reino da Graça. "Nosso Senhor quis viver entre os pobres; Ele também quis morrer com eles". Toda a fraqueza lhe pertence. Por isso Blanche entra para o convento, a fim de oferecer a Deus a sua fraqueza. E por isso ela escolhe o nome de Madre Blanche da Agonia de Cristo. As seguintes palavras da priora encerram uma das mais preciosas lições dessa obra de Bernanos, ao mesmo tempo que sintetizam muito do pensamento bernanosiano: "Quando se contemplam medo e coragem, no Jardim de Getsemani, onde todo o medo humano foi divinizado no coração... do Senhor, parece-me quase superfluo distinguir ambos". É mais adiante: "Também a coragem pode ser uma ilusão do diabo... quer sejamos corajosos ou covardes, o importante é estar onde Deus quer que estejamos, confiando-nos a Ele, quanto ao resto, "Não existe outro remédio para o medo a não ser arremessar-se cegamente na vontade de Deus".

Em "Dialogues des Carmélites" Bernanos deu expressão literária a seu próprio medo e isso, com uma beleza de rara perfeição. E não só isso. Seu medo se esquece a si mesmo, submergindo em um medo muito mais elevado, aquele medo que redimiu o medo de todos os homens.

§

Tínhamos dito na introdução que o cristão é o critério para se medir e julgar o gênero humano, na opinião de Bernanos. O cristão,

porém, vive da graça. Bernanos poderia ser chamado o escritor da graça. Nenhum outro escritor cristão dos tempos modernos acentuou tanto a graça de Deus, em suas obras. Tudo o que ele escreve de horrendo e assustador não tem outra função a não ser acentuar o momento do triunfo da graça. Supomos que isso tenha ficado bem claro nas considerações finais a respeito de "Dialogues des Carmélites". O motivo da graça, diapasão constante no "Journal d'un Curé de Campagne", está expresso da maneira mais simples, na frase final. Depois de uma longa enfermidade, desespero, medo da morte e fracasso total, em sua atuação frente à paróquia, o padre encontra-se na iminência de morrer sem o último conforto da Igreja. Suas últimas palavras são: "Que tem isso? Tudo é graça".

Parece ser essa a própria atitude de Bernanos. Em suas cartas encontramos frases como estas: "Não sou responsável pelo que produzi... Sou responsável pelo que deixei de fazer". "Ninguém é tão desavergonhadamente ávido pela graça, como eu, e ninguém a esbanja mais estupidamente. Sob todos pontos de vista, um mengigo ingrato". O mundo, com todo o seu ódio e cegueira só reconhecerá, como diz o escritor, que "está perdido na incomensurável misericórdia de Deus como uma pedrinha no mar", quando o abismo de sua perdição lhe ficar consciente, em face da graça resplandecente. No já citado "Chemin de la Croix des Ames" podemos ler que "com poucas exceções, a sorte comum dos homens é morrer com a impressão de não ter cumprido a sua tarefa. Cada um de nós precisa experimentar essa última retalhação na hora de sua agonia, antes de... despertar para a... misericórdia de Deus...". Bernanos foi um homem que aguardou com veemência existencial o alvorecer da graça de Deus, na própria morte e no fim dos tempos. Defendia a opinião de que cinco minutos de paraíso poriam tudo em ordem. Bernanos testemunhou com sua vida e com sua obra, que a graça pode ser uma realidade também na existência de um homem exigente, intransigente e candentemente crítico. Nos seus últimos anos, passou a crer cada vez mais firmemente na impotência dos poderosos, na ignorância dos sábios, na estupidez dos

Maquiavéis e na incurável leviandade das pessoas sérias. Em um álbum de recordações, escreveu: "Todas as coisas belas na História Universal surgiram, sem que alguém soubesse, da misteriosa harmonia entre a humilde e flamante paciência do homem e a suave misericórdia de Deus". A graça não recua nem mesmo frente ao inferno. O inferno tem um papel bem destacado, na obra de Bernanos. Contudo, ele ousa fazer esta afirmação que, no contexto de sua fé, perde toda a ousadia: "Que é que o inferno pode ter de importante além do abandono de Deus? E quem pode estar mais abandonado pelo Pai, a não ser o único Filho que sabe, como nenhum outro, quem o Pai é?"

Chegamos ao final. É claro que as limitações naturais de uma conferência não podem substituir a leitura dos próprios livros de Bernanos. Sua importância e seu lugar na História da Literatura estão bem circunscritos nas palavras de Eckart Peterich, que fazemos nossas:

"Bernanos descreve os homens com um senso inexorável de realidade e em toda sua decadência. Mas através de seu amor sacerdotal, seu perdão dos pecados, sua capacidade de ver o olhar "subitamente lavado de todas as mentiras" de suas criaturas, ele restaura o equilíbrio desconhecido e destruído pelos românticos rosados e negros e dá-nos uma verdadeira imagem do mundo imanente e transcendente, como nenhum escritor mais tinha feito, desde a Divina Comédia... Se a obra de Bernanos for reconhecida neste sentido, poderá significar a superação de todo enfeamento e arruinamento literário do mundo, sob os quais sofremos, estando assim no início de um novo e autêntico classicismo: o de uma arte que supera todo o falso verismo e realismo através da única realidade e verdade perfeita: a presença do amor divino."

UM CREDO PARA NOSSA ÉPOCA: EXISTE ISSO?

O falar da Igreja nunca pode ser neutro. Os antigos e já clássicos credos e formulações similares da fé cristã são o atestado mais indiscutível desse fato. Aquilo que popularmente ficou conhecido como "breve resumo da fé" teve antecedentes bem mais movimentados do que se pode supor pelo texto lido hoje. Cada palavra está preñe de significados polémicos.

O conhecido teólogo suíço Lukas Vischer dedica-se, no momento, a uma tarefa simultaneamente fascinante e embaraçosa: levantamento e coleta de todas as formulações da fé cristã, de todas as épocas, igrejas e lugares. A etapa seguinte da pesquisa é evidente: verificar a concordância e as disparidades, descobrir quais fatores concorreram para uma e outras, estabelecer as consequências do todo na história e procurar a viabilidade de síntese. O último item provocará sérias dúvidas, em alguns. Parece-me que a mais importante é esta: Será a síntese a tarefa mais urgente de nossa geração?

O SILÊNCIO IMPOSSÍVEL

Qualquer comunidade que se compreende como Igreja de Jesus Cristo precisa falar, precisa expressar e possuir a combinação de palavras e experiências. Mesmo a assim chamada "igreja do silêncio" tem essa vivência: a designação, antes de tudo, representou uma metáfora, manipulada posteriormente por certa propaganda sempre ávida de "slogans" mentirosos.

A necessidade inevitável de falar, no entanto, ainda deixa em aberto outra questão: Que é que precisa ser dito? Justamente o pro-

blema do conteúdo é que tem resultado em todas as concordâncias e disparidades, na história. Porque o falar da Igreja é sempre confissão, profissão de fé, testemunho. Ora, o testemunho revela obrigatoriamente mais do que interesse por algo. O testemunho sempre implicará em adesão, engajamento. Quando o indivíduo ou a comunidade dão testemunho de sua fé, estão expondo uma parte de si próprios, estão oferecendo algo da própria pessoa, da própria vida. Assim, a mera comunicação de um fato, diante do qual o comunicador poderia manter-se neutro, salvaguardando a própria objetividade, seria tudo menos testemunho. O falar da Igreja nunca pode ser neutro.

Os antigos e já clássicos credos bem como formulações similares da fé cristã são o atestado mais indiscutível desse fato. O que popularmente ficou conhecido como "breve resumo da fé", teve antecedentes bem mais movimentados do que faria supor o texto lido hoje. A rigor, cada palavra está preñe de significados polêmicos, cada vocábulo foi escolhido a partir da "praxis" e cada formulação depende de duas grandezas multiformes que necessitam constante reinterpretação: a Bíblia e os desafios de uma época. Vejamos o que isso significa mais precisamente.

TESTEMUNHO COMO PROCESSO

Dois aspectos básicos caracterizam a confissão de fé dos primitivos cristãos: a referência a Jesus de Nazaré e a concisão. Por exemplo: "O Senhor é Jesus Cristo" (1 Coríntios 12,3); "Jesus é o Cristo" (1 Jo. 2.22); "Jesus Cristo veio em pessoa" (1 Jo. 4.2).

Tais formulações, é óbvio, pressupõem toda a longa história da fé de Israel. E seu caráter polêmico dificilmente poderia ser superado. Pois, de um lado, o título de Senhor só era admissível como referência a Deus; de outro, era contestada a pretensão de César Romano, que exigia o título para si. O martírio de não poucos cristãos comprova, antes de mais nada, que esse Credo comunicou muito bem e que foi perfeitamente entendido, em todas as suas implicações, por não cristãos. De resto, é indiscutível que nos defrontamos com

certa reinterpretação do Antigo Testamento. No entanto, é importante ressaltar que, para os primeiros cristãos (que nem sequer tinham essa designação), bastou a vinculação do Nazaréno a Javé. A elaboração de nova doutrina de Deus (de nova "teologia") pareceu desnecessária. Assim como a nascente comunidade cristã não revelou qualquer preocupação pela designação de seu grupo, limitando-se a adotar o vocabulário peculiar referente a qualquer reunião popular ou assembleia corporativa.

Certos desafios da época provocaram gradativa ampliação dos Credos primitivos. O paganismo foi um desses desafios e o testemunho acerca do Deus Criador, a resposta da Igreja primitiva. Resposta que retomaria a milenar fé de Israel, também expressa em desafio aos babilônios. Outro desafio representou a concepção antropológica que vê a alma como imortal e o corpo como mera prisão ou receptáculo desprezível. A resposta cristã a isso faz clara referência à ressurreição do corpo (ou da carne), reafirmando assim a responsabilidade pelo próprio corpo, pelas necessidades alheias e pelo mundo em geral. Sendo Deus quem ressuscita, o testemunho cristão nos informa que Deus leva a sério o homem todo, e que nesse fato se fundamenta a incomparável dignidade humana. Será preciso perder tempo, relembrando que conseqüências pode e deve ter esse Credo?

Na opinião de alguns, a referência ao Espírito Santo, no Credo, deve-se à prática do batismo, ocasião em que a profissão de fé era exigida. E o Espírito era considerado como dádiva e efeito do batismo. Assim, a liturgia, a disciplina e o próprio ambiente do Cristianismo primitivo foram suscitando fórmulas e provocando sucessivas modificações, acréscimos, elaborações novas. Em todo caso, ao contrário do que alguns continuam a sustentar, os credos pós-neotestamentários não resultam de elaboração teológica orientada unicamente pelo texto bíblico. É bem verdade que refletem um conjunto de tendências teológicas, que poderão ser localizadas, com maior ou menor evidência, em o Novo Testamento. Mas suas fontes são diversificadas e variados os impulsos que conduziram às formulações que hoje

conhecemos e usamos. Mais diversas ainda se tornaram as interpretações dadas aos Credos clássicos. Ficou célebre a explicação do Credo (dito) Apostólico que se encontra no Catecismo Menor de Martin Lutero: todos os fatos salvíficos "objetivos" foram transpostos para a esfera existencial do crente. Sob certo ponto de vista, trata-se de um "novo credo", tanto no que se refere ao conteúdo como ao estilo. Se, e parece ser o caso, o Credo já se tornara ininteligível no século 16, que dizer da situação em nossos dias?

Testemunhar, temos visto, não é apenas afirmar. É também viver o que se confessa. Por isso mesmo, nenhum Credo poderá abstrair, por exemplo, da oração, do serviço, do amor. O Credo não poderá ignorar as estruturas da vida. Nas palavras de Tielko Tilemann, "mesmo que não houvesse igrejas e teólogos, permaneceriam as perguntas que precisam de respostas". Ora, todas as questões da vida são tão relacionadas com a fé e vice-versa. Pergunta-se: é possível professar a fé através de fórmulas que exigem o estudo de compêndios de história e dogmática, para serem realmente compreendidas? Mais ainda: é possível dar um testemunho de fé diante dos desafios de nossa época, de nossa geração, usando formulações que refletem polémicas de 17 ou 18 séculos atrás? Em resumo: é possível ignorar o longo processo histórico que conduziu a determinadas fórmulas (e que a elas sucedeu?)

Diversos grupos, de variadas tendências teológicas, respondem a essas perguntas com um não unânime. Para eles, tornou-se candente a questão do testemunho hoje. E são de opinião que chegou o momento em que não é mais suficiente explicar e interpretar. Palavras e vivências mudaram e, portanto, será obrigatória a nova confissão de fé, o credo para a nossa época. Rudolf Bembeneck coloca a problemática da seguinte maneira: "Nosso testemunho precisa tornar compreensíveis os efeitos e implicações da fé cristã diante de determinados problemas e situações contemporâneos". E postula um "credo circunstancial" em analogia à chamada ética circunstancial (ou situacional), considerando indispensável o concurso da sociologia, psicologia social, poli-

tologia e disciplinas afins. Em sua opinião, um credo hodierno precisaria reportar-se a questões como a da paz, das relações com Israel e o Judaísmo, do racismo, das bases do humanismo, etc.

Como se vê, a questão do conteúdo permanece, mesmo num credo circunstancial, nascido dentro de determinada etapa do processo histórico, em determinado lugar. Mas o reconhecimento de que existe tal processo impede, pelo menos, que essa ou aquela fórmula se tornem absolutas, permanentes e imutáveis.

O que segue é uma seleção de testemunhos modernos de fé. Os modelos foram escolhidos bastante ao acaso. O interesse maior reside em torná-los conhecidos, para que possam ser aproveitados como material de discussão e reflexão. As observações que acompanham cada modelo apontam alguns dos problemas teológicos latentes e não são, nem de longe, exaustivas.

Um Credo Estadunidense

O homem não está só,
pois vive no mundo de Deus.
Nós cremos em Deus:

que criou e continua criando,
que veio no verdadeiro

Homem, Jesus,
para reconciliar e renovar,
o qual atua em nós e entre nós
por seu Espírito;

Nós confiamos nele.

Ele nos chama a ser sua Igreja:
para celebrar sua presença,
amar e servir aos outros,

desejar a justiça e resistir ao mal.

Nós proclamamos seu reino.

Na vida, na morte, na vida além

da morte,
 ele está conosco,
 Nós não estamos sós;
 nós cremos em Deus.

A primeira constatação do credo parece refletir uma típica situação existencial-urbana: a solidão. Solidão e mundo, o individual e o global introduzem a fé em Deus, expressa em termos trinitários tradicionais. Toda a linguagem, aliás, é bastante bíblico-tradicional, o que levanta um imediato temor: compreenderá o homem moderno (e solitário) o que seja "Espírito", "reino", "vida além da morte?" Em outros momentos, a formulação é feliz. Por exemplo: a ênfase no processo de criação como algo que continua hoje. A solução de compromisso ("em nós e entre nós"), para resolver célebre problema filológico-teológico, é simplesmente brilhante. O mesmo deve ser dito acerca do fecho: os que confessam também conhecem o que seja solidão. Mas conhecem e confessam mais do que isso. Assim, a ênfase expressa solidariedade com os homens, anexando um convite-apelo aos "outros": confiem também! (A dimensão do humor não ficou ausente: uma das sentenças quase repete o lema impresso no papel-moeda da norte-americano...)

Um Credo da Comunidade
 Estudantil Evangélica de Bonn

Nós cremos em Deus
 que dá sentido à nossa vida,
 origem e alvo de toda a realidade,
 através do qual estamos ligados
 a todas as coisas.
 E em Jesus Cristo,
 nosso Senhor,

um homem nascido como nós,
no qual estava a vida
propriamente dita,
a proximidade de Deus
e seu poder
para nos chamar a uma vida
nova,
presenteada imerecidamente,
em liberdade e gratidão.
Rejeitado pelos homens,
entregue ao poder estatal,
exposto ao mais profundo
absurdo,
na cruz e na morte,
ele faz um apelo à nossa decisão,
apesar de tudo,
e dá-nos coragem
para crer, amar e esperar,
pois participa, agora,
da realidade vivificante de Deus,
que se aproxima de nós,
exige algo de nós e nos agracia.
Nós cremos em sua
atuação presente,
que todas as Igrejas
estão unidas nele,
que através dele é possível
a comunhão autêntica,
que ele nos liberta de toda
alienação
e dá sentido à esperança
mesmo diante da morte.
Nós cremos.

Senhor, ajuda-nos
em nossa falta de fé.

Eis um texto que quase poderia ser adotado por universitários do mundo inteiro: linguagem sofisticada, formulações dialéticas, alguns termos-chave que lembram outros tantos debates acadêmicos fundamentais. O esquema trinitário foi mantido de forma discreta (Espírito Santo = realidade vivificante de Deus = sua atuação presente) e ortodoxa. A combatida virgindade de Maria foi abolida, em benefício de enfoque mais paulino (involuntário?). As referências a Deus, quase generalizadas e filosóficas, recebem clara especificação através do "homem nascido como nós, no qual estava a vida". A expressão "Nosso Senhor" é só aparentemente tradicional: a rigor, foi retomado o sentido bíblico-polêmico original (veja-se a sentença "entregue ao poder estatal!"). A tônica dos conceitos é de ordem existencial e é quase inevitável verificar a influência de Sartre, Camus, Bultmann. A situação ecumênica é abordada com honestidade, embora a rejeição do "creio numa igreja" seja questionável. O tema da justificação pela graça (ausente no Credo Apostólico!) foi oportunamente incluído. O fecho é comovente, no melhor sentido da palavra, ao retomar a confissão de fé de "um homem", a quem Jesus ajudou. Sendo bom lembrar que, no caso, a confissão foi anterior(!) ao milagre (Mateus 17.14-21).

Credo usado em culto de jovens, em
Güttersloh (Christoph Wahl)

Creio em Deus,
o Pai de todos os homens
e Senhor do mundo,
seu Criador e mantenedor.
Creio que Deus me colocou
neste mundo

e que sou responsável
 diante dele.
 Creio em Jesus, o Cristo,
 no qual Deus se encontra
 com o homem.
 Creio que ele me reconcilia
 com Deus,
 que ele vive e reina
 e me chama a servir aos homens.
 Creio que Deus
 está agindo no mundo
 através de seu Espírito Santo.
 Creio que ele me chama
 por sua palavra
 a sua comunidade
 e que tenho comunhão com ele
 pelo pão e vinho.
 Creio que Deus estabeleceu
 um alvo para este mundo
 e permite que eu participe
 de seu futuro. Amém.

A formulação procura expressar a fé individual e consegue, ao mesmo tempo, evitar todo individualismo. Pois o eu está constantemente correlacionado com os outros: todos os homens, a realidade deste mundo, a comunidade. O que alguns preferem chamar de ortodoxia, está assegurado plenamente: todas as relações humanas tornam-se possíveis pela ação de Deus; a ação de Deus é fundamentalmente seu encontro reconciliador com o homem, em Cristo; esse encontro cria comunidade, indica tarefas e tem um objetivo. (Note-se que "seu" futuro é o de Deus, não o do mundo, de acordo com o original.) O credo mantém a referência trinitária e é quase a paráfrase do Apostólico, abstendo-se, porém, de mencionar tudo aquilo que costuma provocar pole-

micas e enérgica rejeição, da parte dos jovens: geração e nascimento "sui generis" de Jesus, descida aos infernos, ascensão. A supressão do termo ressurreição não constitui aspecto novo, já que nem o Novo Testamento o utiliza sempre. É possível que jovens de todas as idéias prefiram confessar que Cristo vive, que existe um futuro e que se pode contar com esse futuro, como sendo nosso.

Outro credo para jovens

Creio que Jesus foi o que
deveríamos ser:
Servidor e Irmão de todos
os que precisavam dele.
Porque amou, teve de sofrer.
Porque não foi só prudente,
teve de morrer.
Mas ele não morreu em vão
e, a rigor, não foi derrotado.
Será dele a última palavra
e todos, os mortos, os vivos
e os vindouros
serão avaliados por seu critério.
Creio que, com Jesus entrou
novo espírito no mundo,
que ensina uma linguagem
comum
a homens tornados inimigos,
fazendo com que se reconheçam
como irmãos;
que nos encoraja a prosseguir
a rebelião do amor contra
o ódio;
que aguça nossa capacidade

de julgar,
 vencendo o desespero
 e tornando compensadora
 uma vida fracassada.
 Creio que sou o que sou,
 através de Jesus.
 É através dele que experimento
 o poder de Deus.
 E assim como eu,
 todos os homens
 devem tudo isso a ele,
 mesmo que não saibam.
 Como a mim, chamou todo o
 mundo para dentro da vida.
 É dele o mundo,
 diante dele somos responsáveis
 por tudo o que fazemos.
 Sim, estou de acordo
 com minha vida
 e digo sim à minha destinação:
 dar adiante o que recebi
 de Deus.

Eis uma tentativa fulgurante de retomar o mais antigo, original e conciso credo ("Jesus é Senhor") e traduzi-lo em termos contemporâneos e informais. O carpinteiro de Nazaré é a medida de todas as coisas, a começar por mim. E quando me olho, ocorre um juízo, uma crise. A crise de uma descoberta incômoda e constrangedora: não somos irmãos e detestamos servir. Não amamos e preferimos ser prudentes. Mas ele foi o que deveríamos ser!

A descoberta do eu está relacionada, de maneira muito adulta, com a descoberta de todos os outros, de toda a realidade. E o juízo, a crise recai sobre tudo isso que se conhece. Todas as frustrações e

até mesmo a vida perdida recaem sob um juízo proclamado com gana, com o ímpeto de reiterado Pentecostes. Mas não é juízo excludente nem condenatório, pois cumpre prosseguir "a rebelião do amor". O novo espírito trazido para dentro do mundo é conscientizador. Por isso o sim à vida e à tarefa implícita no ato de viver.

Credo formulado em retiro
para soldados

Jesus Cristo — nosso Senhor!
Ele viveu na terra o amor
de Deus,
fazendo-nos ver como
um homem
pode se encontrar
com outro homem.
Ele fez a experiência
de como nos excluimos
mutuamente
da comunidade
por força de preconceitos.
Mas também demonstrou
que é possível reconduzir
excluídos
para dentro da comunhão.
Igualado aos excluídos,
teve de sofrer
e morreu como criminoso
na cruz.
Mas nós sabemos
que ele não ficou na morte,
e sim, vive ainda hoje.
Com todos os que confiam

em Jesus,
 espero que ele permaneça
 comigo também,
 quando sinto medo
 e não consigo crer,
 E quando eu morrer.

O responsável pela formulação desse modelo, o pastor luterano alemão Helmut Ruhwandl, foi acusado de heresia e difamação de Jesus Cristo, há dois anos. Mas a direção de sua Igreja rejeitou os argumentos dos opositores.

O credo, como tal, desconhece referências trinitárias, enfatizando o fato salvífico da cruz (e da ressurreição). Mas essa ênfase não desconhece a relevância que cabe ao Cristo que age hoje. Daí a sequência de problemas atuais: humanidade, preconceitos, solidariedade, justiça. Além dos protestos, não faltou quem elogiasse o abandono de formulações metafísicas e incompreensíveis em prol de expressões extremamente simples (ou quase simplórias): "que ele permaneça comigo também... quando eu morrer". Além de evitar o pessoal e distante, o autor também conseguiu traduzir o que seja solidariedade universal ou ecumenismo de modo agradável e inteligível: "todos os que confiam em Jesus". A crítica mais objetiva, talvez, foi a formulada por Werner Schmidt: Não estariam os participantes do retiro por demais preocupados com seus próprios problemas? A pergunta é séria. No entanto, que é que nos preocupa, ao professar a fé?

Credo de Dorothee Sölle

Creio em Deus
 que não criou o mundo
 já pronto,
 como coisa que deva ficar

como está, para sempre;
que não governa segundo
leis eternas
de imutável validade,
nem segundo ordenações
naturais
de pobres e ricos,
especialistas e desinformados,
dominadores e dominados.
Creio em Deus
que deseja a resistência
de que vive
e a transformação de todas
as condições
através de nosso trabalho;
através de nossa política.
Creio em Jesus Cristo
que tinha razão
ao lutar pela transformação
de todas as condições,
sozinho como nós,
sem nada poder fazer,
e que com isso se arruinou.
Comparando com ele, reconheço
como nossa inteligência
se atrofia,
nossa imaginação sufoca,
nosso esforço é vão,
porque não vivemos como
ele viveu.
A cada dia temo
que ele tenha morrido em vão
porque está soterrado
em nossas igrejas,

porque traímos sua revolução
em obediência e por medo
às autoridades.

Creio em Jesus Cristo
que ressurgiu em nossa vida
para que fiquemos livres
de preconceitos e arrogância,
de medo e ódio,
continuando sua revolução
em direção de seu reino.

Creio no Espírito
que entrou no mundo,

com Jesus,
na comunhão de todos os povos
e em nossa responsabilidade
pelo que resultar

de nosso mundo:
um vale de lágrimas,
fome e violência
ou a cidade de Deus.

Creio na paz justa
que é realizável,
na possibilidade de uma vida
plena de sentido
para todos os homens,
e no futuro deste mundo
de Deus. Amém.

É pouco conhecida no Brasil a combativa teóloga alemã que redigiu esse último credo de nossa seleção. No entanto, é possível que sua reflexão fornecesse elementos mais relevantes, para a tarefa de cada um, do que os oferecidos por certas correntes neofeministas. Seja como for, será impossível, nos próximos anos, ignorar a contribuição de D. Sölle, sempre que a teologia tiver de levar a sério proble-

mas imanes, questões de solidariedade e universalidade. A mulher que certa vez definiu ateísmo como sinônimo de resignação(!), desafia-nos com seu modelo de profissão da fé.

O credo apresenta estrutura quase trinitária (seria a paz objeto de um "quarto artigo?"), embora não se constatem maiores pruridos de ortodoxia. Ao mesmo tempo que menciona a criação, a autora centraliza a atenção nas condições e situações reinantes nessa criação: subdesenvolvimento e os males que o configuram. Todo aquele que confessa sua fé, é uma criatura engajada na luta pelo equacionamento e/ou solução de problemas contemporâneos — que são problemas da fé. É compreensível, portanto, que desapareça qualquer menção explícita a "fatos salvíficos" (em vez de "foi crucificado", encontramos "ele se arruinou"). Da mesma forma foram rejeitadas as diversas interpretações tradicionais (caráter sacrificial, vicário e/ou gracioso da morte de Jesus).

Por outro lado, aquilo que ninguém consegue sozinho, torna-se viável com a união de todos (os povos): a comunidade universal, a paz justa (e não apenas maquilada), a vida dotada de sentido. Como é possível a realização dessa empreitada? Pelo Cristo que vive ("ressurge") em nós, capacitando-nos a continuar sua revolução, que tem um objetivo bem claro: a cidade de Deus, imanente, para todos os homens, à terra em que é possível uma paz justa e uma vida que tenha sentido. Com muita razão, D. Sölle relembra que o reino de Cristo não se situa "nos céus" — e que seria irresponsável rejeitar este mundo de Deus, em prol de uma noção vaga de transcendência.

UM CREDO SEMPRE NOVO?

Nenhum dos exemplos e modelos apresentados "resolve" a problemática inerente a qualquer confissão de fé. Mas todos eles evidenciam a necessidade da procura, a validade da tentativa e a urgência da experiência. A fé, além de ser questão pessoal, é também tarefa comunitária, envolve a história de um grupo e não pode prescindir de contemporaneidade. A fé nunca é "a mesma" e nunca é "de ontem". Ve

ja-se a insistência no hoje; no livro do Deuteronômio (5.3 ou 26.16-19) ou na Epístola aos Hebreus.

Sob esse ponto de vista, os diversos modelos de credos atuais cumprem função pedagógica. Resta saber, se a necessária universalidade já foi alcançada. Inquirir a respeito dessa ecumenicidade não é exagero, já que toda confissão de fé responde, também, aos desafios de um tempo, de uma época, de geração. E os problemas e desafios de nosso tempo têm dimensão planetária.

A questão da universalidade talvez se torne mais clara, na releitura dos textos selecionados, em perspectiva latino-americana. Conseguiremos identificar-nos com tais formulações? Ou refletem tais credos a preocupação de elementos, honestos sim, mas ainda criundos de estruturas sociais "afluentes?"

Por último, a pergunta que terá ocorrido a alguns: Onde ficou o modelo mais nosso, a profissão de fé gerada em nosso contexto?"

Em matéria de textos já elaborados e em uso, dispomos de pouca informação. Para a última Semana de Oração pela Unidade dos Cristãos, no entanto, foi sugerido um texto do Credo Social da Igreja Metodista do Brasil. Ainda é impossível saber onde foi liturgicamente aproveitado e desconhecem-se reações e comentários. A título de comparação e complementação vai reproduzido aqui:

Cremos em Deus, Criador
 de todas as coisas
 e Pai de toda família humana,
 fonte de todo o amor,
 justiça e paz.
 Cremos em Jesus Cristo,
 Deus que se fez homem
 como cada um de nós,
 amigo e redentor dos pecadores,
 Senhor e servo de todos
 os homens.
 Cremos no Espírito Santo,

Deus defensor,
que conduz os homens
livremente à verdade.
Cremos que a comunidade
cristã universal
é serva do Senhor;
que a unidade cristã é dádiva
do sacrifício
do Cordeiro de Deus
e que viver divididos é negar
o Evangelho.
Cremos que o culto verdadeiro,
que Deus aceita dos homens,
é aquele que inclui
a manifestação de uma
vivência de amor,
na prática da justiça e no
caminho da humildade
junto com o Senhor. Amém.

Constata-se logo que o texto é universal, em sua linguagem, no sentido de que poderia ter sido formulado em qualquer parte do mundo onde haja cristãos preocupados com a dimensão ecumênica da fé e com questões de justiça, liberdade e paz. É evidente a ausência de vários tópicos fundamentais da fé cristã assim como não transparece a preocupação pelos desafios próprios do tempo brasileiro.

No entanto, é possível que justamente indique, com muita clareza, o âmbito e a dimensão de nosso testemunho. A ausência das palavras é indicadora, por vezes, da ocorrência de uma profissão de fé que fala mais alto. E que se chama martírio.

TESTEMUNHAS

26-3-72

Hebreus 11.35b-40

O capítulo 11 de Hebreus, cujo final acabamos de ouvir trata especialmente de um assunto: a fé.

Mas logo de saída a gente tem uma surpresa: a carta aos Hebreus não apresenta uma longa doutrinação sobre o que seja a fé. Não se descobre nenhuma teoria sobre a fé. Pelo contrário: o capítulo 11 de Hebreus fala sobre a vida de muitas pessoas bem diferentes entre si. Mais ainda: a vida dessas pessoas é considerada como testemunho. Quer dizer: são vidas que falaram através de atos — e que continuam falando a nós, hoje. Assim sendo, não sou eu que estou construindo uma mensagem. Minha tarefa consiste, apenas, em a mensagem que se reflete na vida daquelas testemunhas.

E quem foram essas pessoas, essas testemunhas? Entre outras, temos a figura de Abel, aquele que foi morto pelo irmão. Abel continua falando mesmo depois de morto. O sangue de Abel, o sangue de todos os inocentes continua clamando a Deus. E Deus ouve. Os assassinos de pessoas inocentes também ouvem. Por isso é que se tornam pessoas inquietas, medrosas e fugitivas. A carta menciona Abraão, Isaque e Jacó, homens que ouviram o chamado de Deus e obedeceram, homens que ouviram a promessa de Deus e confiaram. Toda a vida deles foi uma peregrinação, uma caminhada por terras estranhas. Só puderam ver e sondar a promessa de longe. Gastaram uma vida procurando a pátria. E continuaram confiando. Até hoje eles são o símbolo de quem precisa partir sem saber aonde vai e o que acontecerá depois. E a carta descreve a vida de Moisés, o homem que rejeitou os prazeres e riquezas da família real do Egito, preferindo ser maltratado junto com seu povo, o povo de Deus. E por isso ele se tornou o libertador de seu povo — e pôde conduzi-lo para fora da terra da escravidão, rumo à terra prometida. Para grande susto e espanto dos moralistas, essa relação de pessoas inclui também uma prostituta, Raabe. Essa mulher salvou a vida

de homens do povo de Deus, escondendo-os em sua casa e enganando os perseguidores: "Sim, recebi fregueses, mas eles já foram embora".

E a carta aos Hebreus diz que isso é fé. Essas pessoas e tantas outras agiram dessa ou daquela maneira porque confiaram em Deus. Nós não ficamos sabendo se todos podiam explicar tudo o que faz parte da doutrina, não se afirma também que foram heróis da piedade e da vida santa, a única coisa que se repete é isso: essa gente fez o que fez pela fé, porque creram, porque confiaram. E justamente porque confiaram, continuam falando a nós, hoje. Estão mortos há milênios, mas sua voz continuará a ser ouvida, mesmo depois que outras vozes que hoje encham o mundo com sua gritaria, tiverem silenciado para sempre.

E por uma segunda razão continuam falando hoje: essas pessoas tão diferentes tiveram sucessores, seguidores, imitadores de sua fé, até hoje. Quando nós cremos, quando nós confiamos em Deus, estamos rodeados de uma nuvem de testemunhas. E de novo não se trata de gente especial, excepcional, heróica. De novo a carta aos Hebreus fala da vida como ela é — e da morte como também pode ser.

As testemunhas à nossa volta são os torturados, aqueles de quem se zomba, os presos, os condenados à morte, por causa de sua fé. E mais uma vez fica bem claro: a fé não é tanto uma questão de acreditar nisso ou naquilo. Fé não é tanto uma questão de saber isso ou aquilo bem direitinho. Fé é principalmente uma questão de vida. Ter fé é uma maneira de viver.

Viver como? Viver como peregrino, como quem não tem um lugar certo. Viver sem acomodação. Viver sem segurança. A vida de quem tem fé, muitas vezes será a vida cheia de necessidades, aflições e até maus tratos. Isso não significa que os pobres e miseráveis e sofredores da terra devam cantar aléluias e achar que assim é que deve continuar. Quem acha que uns devem estar por cima e que outros precisam continuar por baixo, nesta vida, não é bem a Bíblia: é outro tipo de pessoas. São aqueles que produzem a miséria, são os responsá-

veis pela necessidade e pelos maus tratos que pensam assim.

A vida de quem crê e confia pode passar por tudo isso também, é claro. No entanto, a vida da fé ainda conhece e experimenta outra miséria, outra aflição, outra angústia: é que nós ainda estamos a caminho. Nós também somos peregrinos. Nossa jornada ainda não terminou. E às vezes a gente cansa. Às vezes vem a fraqueza. Às vezes a gente não aguenta mais e quer ver a terra prometida, quer ver a concretização da promessa. Que adianta comemorar domingos de Ramos, se ainda não podemos saudar nosso Rei e entrar com Ele na cidade? De que adianta comemorar uma vida inteira o Natal, a sexta-feira da Paixão, a Páscoa, se nos outros dias tudo parece tão igual e tão vazio?

No meio do vazio, no meio da angústia e da dúvida, meus irmãos, pensemos um pouco nas testemunhas que confiaram. Que confiaram antes de nós. Que continuam confiando à nossa volta. Nosso tempo tem muito mais testemunhas do que se imagina: nos muitos lugares onde pessoas são perseguidas e mortas, por causa da cor de sua pele, existem cristãos que confiam no dia em que a justiça triunfará — e trabalham por essa justiça. Nos muitos lugares onde pessoas são torturadas e mortas porque pensam diferente dos ditadores, existem cristãos que confiam no dia em que a liberdade chegará — e lutam por essa liberdade. Nos muitos lugares em que pessoas são maltratadas e afligidas por causa de sua fé, existem homens que confiam no dia em que a verdade vencerá — e se esforçam por essa verdade.

Sim, são muitas as testemunhas conhecidas e desconhecidas, em nossos dias. E por isso podemos crer, confiar e esperar. Crer arriscando! Confiar trabalhando! Esperar lutando! Todas as testemunhas do passado e de hoje — todas as testemunhas do mundo são nossa família, nossos irmãos. Mesmo sendo poucos, não estamos sozinhos.

E ainda um último motivo para nos alegrarmos, para nos sentirmos solidários até com desconhecidos irmãos: eles não alcançaram a concretização da promessa — para que nós não fôssemos excluídos. Deus também pensou em nós. Nós também fomos contados e incluídos na promessa de Deus. Quer dizer: ninguém pode se salvar sozinho! Sem nós, os que confiaram antes de nós, também não alcançaram a perfeição. Sem

eles, nós não podemos ter outra esperança diferente ou melhor.

Até o fim dos tempos, os que viveram antes da cruz e os que vivem agora, depois da cruz, encontram-se na mesma situação: esperando o dia em que a promessa se tornará realidade visível e concreta. O dia em que a fé vai acabar porque os olhos de todos poderão ver a chegada e a vitória de Cristo. Vitória que vai acabar com toda tristeza e escravidão, miséria e necessidade. É pensando nesse dia que mais uma vez vamos iniciar uma semana de vida e de fé, rumo à Sexta-feira da Paixão. É pensando nessa jornada que nos preparamos para a Santa Ceia. É meditando nisso que podemos comemorar a Páscoa.

Amém.

BÍBLIA HOJE

PARÁBOLAS DE JESUS

A PARÁBOLA

DO RICO E DO LÁZARO

(Evangelho segundo Lucas
cap. 16, versos 19 a 31)

Havia um homem rico que se vestia de luxuoso tecido vermelho e linho finí^simo, dando esplêndidos banquetes diariamente. Um pobre, chamado Lázaro, todo coberto de feridas, estava atirado junto ao seu portão. Bem que gostaria de se alimentar com o que caía da mesa do rico! Até cães vinham lambe^r suas feridas.

Aconteceu que o pobre veio a morrer. E foi levado pelos anjos para o seio de Abraão. O rico também morreu e foi sepultado.

No meio das torturas do mundo dos mortos, o rico viu Abraão de longe. E Lázaro estava junto a ele. Então gritou:

— Pai Abraão, tenha pena de mim !
Mande que Lázaro molhe a ponta do dedo e me refresque a língua, pois estas chamas me atormentam!

— Meu filho, respondeu Abraão, lembre-se que já recebeu seus bens em vida. Lázaro teve males e agora encontra consolo aqui. Você está padecendo. Aliás, é grande o abismo entre nós e vocês. Os que quiserem passar daqui para lá, não conseguem. — Nem se pode vir de lá até cá.

— Pai, insistiu o rico, peço-lhe então que ao menos envie Lázaro até minha casa paterna. Tenho ainda cinco irmãos. Lázaro poderá advertí-los para que não acabem também neste lugar de tormentos!

Mas Abraão replicou:

— Eles têm Moisés e os profetas. Que os ouçam, portanto!

— Não, Pai Abraão, disse-lhe ainda o rico, se algum dos mortos fosse à procura deles, por certo se converteriam.

Mas Abraão concluiu:

— Se não dão ouvidos a Moisés e aos profetas, ainda que alguém ressuscite dos mortos não se deixarão convencer.

Céu e inferno: prêmio e castigo?

À primeira vista, estamos mais uma vez diante do prêmio de consolação: o rico vai para o inferno e o pobre tem o céu por recompensa. E isso seria verdade, se a história fosse ditada pelo ódio dos deserdados da sorte. Isso seria verdade, se Jesus fosse um corrupto, capaz

de enganar os desesperados com vagas promessas de que "no além tudo vai melhorar".

Não estamos, porém, diante de uma profecia. Não se trata de previsão. A história que Jesus conta, é uma parábola. E essa parábola não se refere, apenas, a coisas que estão por vir ou acontecer. A parábola fala de uma realidade presente, de uma atualidade cotidiana. Tanto assim que está construída em torno de duas cenas: antes da morte e depois da morte. Mas as duas cenas tratam de uma coisa chamada vida. Por isso, como muitas vezes acontece num romance, no cinema ou no teatro, a segunda parte vai esclarecer muita coisa da primeira.

E então pode acontecer uma surpresa: a gente nota como faz parte de toda a história...

Quem é o rico? Quem é o pobre?

É impressionante observar como inicia a parábola: "Era uma vez um homem rico". Quase que só isso descreve essa criatura. Além de alguns detalhes a respeito de roupas e banquetes, o que se fica sabendo é apenas isso: o homem era rico. Viveu, morreu e foi sepultado. E era rico.

Existe outra coisa que impressiona: à primeira vista, o homem rico nem é criticado. Não se mencionam vícios, defeitos ou atitudes condenáveis. Não se afirma que ele explorasse trabalhadores ou que fosse agiota ou qualquer coisa de semelhante. Pelo contrário: num primeiro momento, o homem é tão vazio como todas as pessoas diariamente mencionadas nas colunas sociais dos jornais. Ele gostava de vestir-se bem e oferecia constantemente banquetes e festas e recepções esplêndidas. Resumindo: um dos dez mais elegantes, que "sabia receber bem..." Nem mais nem menos. Era rico. E ponto final.

Ponto final? Nem de longe! Assim como nos jornais também não se fala só de gente rica, a parábola de Jesus faz uma comparação. Provoca um confronto. Já na introdução, Jesus coloca sua parábola dentro da vida como ela é. E na vida sempre há pobres ao lado de ricos. O homem rico, de quem se sabia tão pouco (nem mesmo o nome!), de re-

pente está colocado ao lado de um pobre miserável, chamado Lázaro.

Lázaro é uma questão aberta, uma pergunta sem resposta, na vida do rico. Novamente chama a atenção o fato de que Jesus não é demagógico. Jesus não diz nem sugere que o rico deveria ceder um lugar à mesa para Lázaro. Jesus não diz que Lázaro deveria morar na mesma casa do rico. Para começo de conversa, Jesus apenas conta como Lázaro não tinha o que comer, não tinha casa e era perturbado por cães vadios. Só isso.

Por que Lázaro era pobre? Por que ninguém o ajudava? Que circunstâncias o tinham levado àquela situação? A parábola não responde a essas perguntas. Jesus tem um único interesse: colocar duas pessoas diferentes, lado a lado, e fazer com que o ouvinte da parábola faça bem outra pergunta: Que relação existia entre esses dois?

Sim, qual a "ponte" entre o rico e Lázaro? Existe uma?

Para os primeiros ouvintes dessa parábola, a introdução nem apresentava surpresa. Os escribas e fariseus tinham idéias e teorias prontas, a esse respeito: "Deus é quem reparte a felicidade e a infelicidade, a riqueza e a pobreza, o êxito e o fracasso, o bem-estar e a desgraça" (confira o que argumentam os amigos de Jó, no Livro de Jó, cap. 4, 5, 8, 11, 15, 18, 20, 22). A tranquilidade desse tipo de pessoas (a quem Jesus conta essa parábola) se reflete no fato de terem elaborado toda uma doutrina a respeito de "como dar esmolas"...

Existirá ainda hoje esse tipo de pessoas? Parece que sim. Em todo caso, Jesus coloca diante dos ouvintes de ontem e de hoje uma pergunta diferente: Qual é a relação que existe entre o rico e Lázaro?

A tentativa de responder a essa pergunta de Jesus mostra que a relação tem muitos aspectos.

Antes de mais nada, o rico imagina que pode viver sem Lázaro. Nada lhe falta. Não precisa de ninguém. O rico imagina que pode viver sem o irmão. Que não precisa do irmão. E quem lhe dá essa certeza? Sua riqueza.

Mas há outro aspecto. E este aparece com a pergunta: Quem é Lázaro?

Parece que Jesus propõe uma resposta simples e imediata: Lá-

zaro é aquele que precisa do homem rico, porque é pobre. Lázaro é aquele que precisa de alguém para viver, para sobreviver. Lázaro não pode viver sem um amigo, um irmão. E donde vem essa certeza? De sua miséria.

Que relação existe entre os dois? Cada um é o que é — por causa do outro. Só existem ricos porque existem pobres. Pode-se dizer também que só existem pobres porque existem ricos? Na segunda cena, em todo caso, acontece uma estranha inversão de papéis. Mais ainda: a segunda cena procura mostrar se existe ou não uma "ponte" entre ricos e Lázaros.

Ponte ou abismo?

Ricos e pobres morrem, neste mundo. Na parábola de Jesus também. E então vem a primeira descoberta: ambos são "filhos de Abraão", são judeus. Ambos esperam pelo juízo, pela ressurreição. Só que essa espera acontece em lugares e condições diferentes. Lázaro pode ficar reclinado à mesa dos justos e patriarcas (Cf. Mateus 8, 11), enquanto que o rico aguarda seu futuro no lugar da punição, no mundo dos mortos (cf. Salmo 6, 6). Para que o contraste ainda se torne maior, Jesus descreve uma situação bem especial: o homem rico pode observar a bem-aventurança de Lázaro de modo quase palpável.

Também a segunda cena está isenta de revoltas e paixões. O rico sabe que só lhe resta assumir e suportar os desígnios de Deus. (Não tinha sido essa a sua fé em vida?) No entanto, ele procura atenuantes mesmo que passageiros, para sua situação: uma ponta de dedo, molhada em água...

Mas não há atenuantes. Existe um tempo para que alguém descubra sua relação para com o outro, para com o próximo; hoje. Tempo é oportunidade. E a chance se oferece agora. Quem é você? Quem é o próximo?

Dentro do tempo, hoje, alguém está dizendo uma palavra que nos informa de duas coisas importantes quem é o próximo e quem somos nós. Jesus faz isso. Através dessa parábola, por exemplo.

Cristo, nós e o próximo

A segunda cena da parábola nos mostra como é crítica a relação entre o rico e Lázaro. Através de sua presença, através de sua pobreza, Lázaro põe em questão, destrói, torna impossível qualquer tentativa nossa de viver sem ele. A miséria de Lázaro descobre e revela a miséria fundamental do homem rico. A verdade de Lázaro comprova a mentira do homem rico. A distância entre ricos e lázaros torna-se a mesma distância, o mesmo abismo entre ricos e Deus. Existe uma ponte?

Sim; embora seja uma ponte pouco visível, pouco aparente: a ponte é Lázaro. E Lázaro é quem conta a parábola. Através das palavras dessa história (que não é profecia, mas comparação), aquele que a conta está deitado junto ao portão dos ouvintes. Jesus mesmo é o irmão Lázaro, com quem estamos sendo confrontados. Jesus é aquele que não se envergonha de ser o irmão e companheiro dos lázaros deste mundo.

Sempre que alguém descobrir essa relação, terá descoberto a relação entre o rico e o Lázaro (Mateus 25, 31-46). Terá descoberto a ponte. Sem essa relação, porém, desaparece também a ponte. O fim de nosso tempo, o fim de nossa oportunidade, é também o fim da ponte.

Assim é que fazemos parte da parábola. Diante do Cristo, somos lázaros sempre seremos os que têm mais (mais que gostaríamos de viver como homens ricos. Diante dos lázaros deste mundo, bens, mais tempo, mais oportunidade). Resta saber como vemos, como vivemos, como experimentamos essa relação. Resta saber se precisamos de alguém. Resta saber se temos consciência do próximo. Resta saber se reconhecemos no outro uma pergunta dirigida a nós.

Mas ainda existe um aspecto final de nossa relação com a parábola. Somos todos personagens desta história, por causa de um Cristo que coloca ricos e pobres sob um critério diferente de julgamento. Não está excluída a hipótese de o pobre se tornar amargurado, descrente e derrotado, devido a condição de Lázaro, sob a qual padece. Assim sendo, a parábola não se limita a crítica simplificada da riqueza e ao elogio exagerado da pobreza. Pelo contrário: a separação "após" a morte está intimamente ligada à separação "antes" da morte. O que está em questão

na parábola, é a vida no mundo das discriminações, das "diferenças", das separações.

E Jesus aponta, na parábola, para uma possibilidade oposta de vida. Vida em que as pessoas vêem uma às outras. Vida em que as pesoas vivem umas com as outras. Basta isso, para percebermos que a parábola representa crítica veemente ao nosso hoje.

PREFEITURA MUNICIPAL DE JUIZ DE FORA

SECRETARIA MUNICIPAL DE CULTURA

PREFEITO: Itamar Augusto Cautiero Franco

VICE-PREFEITO: Saulo Finto Moreira

SECRETÁRIO MUNICIPAL DE CULTURA :

Marcílio Marques Botti

DIRETORA DO DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO :

Helena Bittencourt

DIRETORA DO DEPARTAMENTO DE MUSEU

Geralda Ferreira Armond Marques

DIRETOR DA DIVISÃO DO ARQUIVO HISTÓRICO:

Dormevilly Nóbrega

DIRETOR DA DIVISÃO DA BIBLIOTECA MUNICIPAL

Robertson Caloman Jacob Flischke

CHEFE DA SEÇÃO DE EXPEDIENTE

Eurydice Toledo Werneck

§

COLABORARAM NESTA EDIÇÃO:

Afrânio Teixeira Caixeiro, Franzisca Carolina,

Ivan Sérgio T. Merhi, José Paulo Netto,

Joel Neves, Heloísa Schmidt,

Pierre Goossens, Rubens Marinho,

C.E.I. (Centro Ecumênico de Informações),

Major Salvador Theodorico de Carvalho - CNEC.

§

SECRETARIA MUNICIPAL DE CULTURA

Av. Barão do Rio Branco, 1843, 5º andar - Tel. 2-3798

GOVERNO ITAMAR FRANCO